

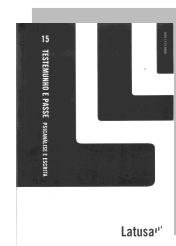
# A letra e o elã♦

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. A letra e o elã. *Latusa*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15 p. 75-84, 2010.

[Clique aqui para ampliar](#)



Não há aí nada além de encontro, encontro, que se dá no casal, com os sintomas, os afetos, tudo aquilo que em cada um marca os rastros de seu exílio, como falante, (...) da relação sexual.

Lacan, J. O Seminário livro 20, p. 198.

## Afeto (e Coro)

Costuma-se dar grande valor à emoção que sobe à cabeça. “É mais forte que eu”, ouçome dizer ao enveredar por estranhos caminhos e infringir minhas próprias regras de conduta. Tudo em nome da crença de que o coração, com relação ao pensamento e à razão, seria emissário da verdade mais verdadeira.

Lacan recusa estes direitos ao afeto e nos adverte de que, apesar de dizer a verdade, ele engana. Paradoxo? Apenas aparente. É preciso inverter o sentido de nossos hábitos mentais quanto ao mundo do sentimento. O afeto, propõe Lacan, “vem ao corpo” e não provém dele, não é primordial, mas secundário. Efeito no corpo de um dizer, ele é “secretado” pelo discurso.<sup>1</sup>

Esta é a retomada lacaniana da sentença definitiva de Freud: “não há afeto inconsciente”.<sup>2</sup> O inconsciente é um discurso. Ainda que alternativo às falas oficiais do ego, fragmentário e disperso, não deixa de ser discurso. Como todo discurso, ele produz afetos, mas não os contém. Não é habitado por eles e sim por significantes.

“Estou triste” significa “há sofrimento”. Mesmo que um ator force suas lágrimas, que sua representação seja péssima, caso a tristeza se apresente ela será sempre triste. Esta é a verdade do afeto. Ele é o que é. Pode haver dúvida sobre suas origens, pode ser que sejam desconhecidos os significantes que determinam e sustentam um sentimento, às vezes contra todas as evidências conscientes. Apesar de não sabermos, muitas vezes, porque choramos, sabemos que estamos tristes. “É da essência de um sentimento ser percebido, ser conhecido pela consciência”, diz Freud.<sup>3</sup> Desde que sejamos da mesma paróquia, o afeto é, em si, sempre conhecido.

Ele engana, porém, ao levar a crer que nos conduziria ao real. Se Lacan propõe que o sentimento também mente é para que deixemos de supor que teria um sentido primitivo, mais básico e real que o das palavras.<sup>4</sup> O real com que lidamos em uma análise não é deste tipo; não é um sentido, nem primitivo, nem energético (o de uma dócil energia vital que nos levaria adiante). Dito em nossos termos, o real é fora do sentido, por isso não haverá para nós significado primordial. Ele é vida, só que vida quando ela não cabe nas nossas vidas, quando excede e colide com as rotas de uma existência.

---

♦ Este texto retoma parte do percurso do curso livre do ICP, *Paixões em análise*, ministrado na EBP-Rio em 2010 que, por sua vez, foi uma retomada do percurso de meu livro *A ética da paixão* (Rio de Janeiro, JZE, 2001). Agradeço aos participantes pelos bons encontros.

Quando este real se apresenta, quando a vida fica “fora de si”, os afetos vêm tomar para si a intensidade do vivido fazendo-o retornar ao senso comum. Em lágrimas, riso ou outros moldes afetivos pré-estabelecidos, eles estão sempre à disposição para escoar um tanto de tudo o que não tem cabimento. É o que se definiu tradicionalmente como *catarse*, *purgação*.<sup>5</sup>

No entanto, é exatamente esta “conversão afetiva”, nos termos de Freud, que nos afasta do essencial na análise, pois, como lembra J. A. Miller, uma análise não caminha em direção ao sentido de uma verdade, mas ao real como fora do sentido. Adotemos, para deixar mais claro, um dos nomes mais conhecidos deste real, *singularidade*. O afeto nos afasta da singularidade, é um empuxo ao universal. Ele faz o corpo vibrar no diapasão dos modos de sentir que ganhamos quando entramos na cultura.<sup>6</sup>

Nossas maneiras de chorar e sorrir são recebidas por nós, já prontas, no momento em que entramos na cultura, juntamente com os desejos e romances que nos constituem. Se esse *kit-cultura* fornecido pelo Outro fosse um filme, o afeto seria sua trilha sonora. Nele, os sentimentos agem como o coro do teatro grego, sustentando, nos termos de Lacan, um “comentário emocional” da ação.<sup>7</sup> Eles modulam, amplificam, suavizam; enfim, eles tanto encarnam quanto amortecem o absurdo de nosso destino, a profunda contingência de que somos feitos. O coro afetivo em nós realiza, como em um bloco de carnaval, o paradoxo de estarmos ao mesmo tempo o mais próximo possível de nosso corpo agitado e, fundidos na massa, o mais distante do real que nos habita.

### **Identificação (e emoção)**

Uma análise põe os afetos a trabalho de outro modo. Ela realiza, segundo Lacan, a *catarse* de maneira distinta, definida por sua tradução alternativa ao *katharsis* aristotélico: *purificação*. O termo não deve ser entendido como “elevação” ou “aperfeiçoamento”, mas sim como decantação. De fato, em uma análise, boa parte dos significados que carregamos vão se concentrando em cenas fundamentais e ditos marcantes. É o que resume J. A. Miller ao definir este aspecto da experiência analítica como “operação redução”.<sup>8</sup>

Do ponto de vista do afeto, porém, esta redução corre o risco de ser tomada como uma *ascese*, como se ao progredir na análise fossemos sentindo cada vez menos e fossemos nos aproximando do anacoreta de Jung.<sup>9</sup> Só haveria estas duas alternativas? Ou bem animadamente nos agitamos longe da singularidade do acontecimento, ou bem tornamos esta singularidade um objeto palpável, mas perdemos em vida o que ganhamos em saber? Por isso Miller completa a operação redução com uma “conversão de perspectiva” que tentarei situar a partir de suas repercussões no plano dos afetos. Para isso, tracemos uma pequena cartografia afetiva do percurso analítico.

O ponto de partida, ainda pré-analítico, é o par *temor* e  *piedade*. Faremos nossas as definições aristotélicas destes afetos, que atravessam os séculos estabelecendo-os como “tremor por si” e “tremor por outro”. Com elas Lacan traduz os efeitos sobre o corpo da relação que batiza imaginária ou especular. O temor e a piedade traduzem, mais que qualquer outro, o modo como somos afetados pelo semelhante. Reservemos para eles o termo *emoção*.<sup>10</sup>

Inverter é, outra vez, fundamental: mais do que classificar os sentimentos de pena e medo como imaginários, estamos tornando-os paradigmáticos. Chamaremos, por definição, de emoção, dentre tudo o que o semelhante secreta em nós, aquilo que com ele se inicia e

nele se esgota. Dos tantos sentimentos de que dispõe o dicionário afetivo do Outro, estes são os que mais tipicamente o realizam. Afinal, se não posso imaginar o perigo, se não posso concebê-lo como objeto, à minha frente, não posso temê-lo. É o que, inclusive, distingue o medo da angústia e do pânico. Por outro lado, se não posso me identificar com quem sofre, não me compadeço, por mais brutal que isso pareça. É exatamente essa capacidade de identificação imaginária com as situações expostas que seleciona o que vai ou não para a manchete do jornal e faz com que milhares de mortos na África muitas vezes ocupem menos espaço que as atribuições dos vizinhos do bairro. Por isso Lacan define o temor e a piedade como afetos do que denomina “mundo dos bens”, espaço das trocas e das demandas, do pão-pão, queijo-queijo cotidiano.<sup>11</sup>

É bem verdade que no homem nada se reduz completamente à relação especular e às emoções que provoca. A atualidade demonstra, porém, que é possível desconsiderar as diferenças a ponto de esquecer-las, tal como nas aproximações técnicas entre o homem e o rato de laboratório. É o caminho da psicologia científica que faz de nosso sentimento e daquele do macaco um só. Ela apóia a ecologia ambiente segundo a qual devemos espelhar-nos nos outros habitantes do planeta para encontrar nosso verdadeiro lugar no mundo - todos irmãos diante da grande mãe natureza.<sup>12</sup> Esquece que assim procedendo, apesar de adquirirmos conhecimentos palpáveis sobre nosso sentimento – que passa a poder ser abordado por comparação, examinado, reproduzido e medido – nos perdemos dessa coisa desregulada e estranha que nos habita e que é o mais humano em nós, sempre em ruptura com o que se possa conhecer ou sentir. O afeto provê sentido e o mais comum deles é o da continuidade entre homem e animal. Mas a ela nossa singularidade escapa.

### **Transferência (e Paixão)**

Nem tudo é emoção, portanto, pois nem tudo no sentimento é imaginário. Há a *paixão*, que definiremos como o que mobiliza nosso corpo a partir de algo mais do que a imagem do outro. Ela não se esgota no que se vê mesmo quando é claramente desencadeada pela imagem, como no amor à primeira vista.

Esta paixão fulminante terá para Lacan como cena emblemática o encontro de Werther com Lotte, definido por ele como “fascinação” ou “captura imaginária”.<sup>13</sup> Para uma referência mais próxima, que se ouça “Um vestido y um amor”, de Fito Paez, na voz de Caetano. *Te, vi, te vi, te vi... no buscava nada y te vi...*, o amor à primeira vista é isso, não existe sem a visão de uma imagem que fixa e arrebatava.

Mas a captura amorosa parece atrelada a algo que insiste em um além ou aquém da imagem. Seriam os pedacinhos de pão que Lotte distribuía às crianças a seu redor? Seriam *las margaridas del mantel que juntabas?* Ou *los chinos* que em Madrid *fumabas?* Esses e outros mil divinos detalhes são rastros desse além e parecem concentrar mais do acontecimento que a própria imagem do amado. Na *paixão*, novamente por definição, diremos que há sempre um ponto cego fundamental no coração do Outro, algo que anima a imagem fascinante com que ele nos captura. Por isso, Lacan afirma: “O amor (...) visa sempre, para além da captura imaginária, o ser do sujeito amado, sua particularidade e no que essa particularidade possa ter de mais opaco, de mais impensável”.<sup>14</sup> O amor-paixão, ligado a esses elementos opacos, que nunca enxerga tudo, é visionário. O amor-emoção, que só se liga ao que se pode ver é apenas, segundo Lacan, *Verliebtheit*, fascinação, ofuscamento e cegueira.

Chamaremos, portanto, paixão tudo o que tenha um pé no plano especular, do corpo, e que ao mesmo tempo nele não se esgote. Compreende-se porque ela, diferentemente das

emoções, pode nos levar além do mundo dos bens, das imagens do cotidiano, por visar a algo fora do sentido, das formas pré-estabelecidas. À paixão reservamos essa “carreira sem limites” do afeto que nos leva adiante, para o melhor ou o pior.<sup>15</sup>

Nos rastros do Outro, a paixão insiste e se mostra capaz de nos fazer esquecer seu suporte e sentido, o corpo, que fica “fora de si”. No desespero desta condição encontramos o limite em que o “isso”, sempre fora de cena, se apresenta, sob a condição, porém, de que o “eu”, o aqui e agora do corpo, desapareça. Como canta Chico Buarque em *Eu te amo*: “se nas travessuras das noites eternas já confundimos tanto nossas pernas diz com que pernas eu devo seguir?”. A paixão confina, portanto, em seu extremo com o gozo, não qualquer um, mas o de um prazer em sua face mortífera que tanto é encontro quanto perda.

Não apenas o amor tem esse poder; o ódio também pode levar à dissolução subjetiva. Além dele, Lacan acrescenta à lista a ignorância e na dança das três define a transferência. Nestas formas paradigmáticas a paixão se apresenta em uma análise. Não poderemos demonstrá-lo aqui, vamos assumir que são todas carreiras sem limites por estarem em relação com os rastros do real, a particularidade opaca indicada por Lacan.<sup>16</sup>

Não é à toa que a psicanálise ganhou o mundo e segue firme e forte. É que seu trabalho é conduzido pela paixão. Não no que o termo assinala para o senso comum, de violenta perda de si, mas no sentido que definimos acima. Uma análise começa no momento em que se abre mão dos prazeres afetivos do semelhante em nome de algo mais, ainda desconhecido; quando passamos do amigo ao estranho, do contrato à aposta, e da emoção à paixão. Com ela seguiremos até o desenlace do tratamento, que porá em cena o além do mundo dos bens.<sup>17</sup>

### **Saber (e psiu)**

Mas o destino dado à paixão em uma análise é ainda mais específico. Não é apenas o fato de que, ali, ela seja tanto amor quanto ódio e ignorância, nem o de que o analista se abstenha de colocar suas paixões a serviço do encontro analítico. É que numa análise não se sai de mãos abanando. A falta-a-ser do sujeito, o algo mais que sustenta a paixão, é trocada pelo que Lacan chamou *significante*.<sup>18</sup>

Sabemos disso, mas nunca é demais lembrar: um significante não é um significado. Do mesmo modo, o saber essencial em uma análise não é um conhecimento, um conteúdo de sentido que se pode adquirir, pesar, trocar etc. O saber que nos interessa é o saber inconsciente no sentido que lhe dá Lacan com seu gosto pelos paradoxos: um saber que não se sabe.<sup>19</sup>

Entenda-se: “não se sabe” como conteúdo, como conhecimento. Mas sabe-se de outro modo, como o que designamos acima como traço. É o rastro deixado pelos encontros com o Outro, signo com que o ferro do significante, em uma metáfora célebre de Lacan, marca seu gado.<sup>20</sup> Ele me distingue e define, mesmo que não me explique nada. É saber porque é letra, que se presta à leitura, sem ser, porém, nenhuma sabedoria. Enquanto o saber-conhecimento é universal, fôrma que vem dar forma e continente ao gozo, o saber-traço é apenas trilho, por onde ele pode escoar sem ser tomado pelo sentido. Este a-mais de vida, escoando nas letras do corpo, fora do sentido é o que faz com que haja mais singularidade em uma cicatriz que em um rosto, mais história em uma narrativa que em uma foto, no relato do sonho que em suas imagens, mais vida nos significantes que no significado.

Se esse saber é fora do sentido e se o afeto é, em si, sentido, há um gozo da palavra que não se descarrega em afeto algum. Cabe, então, com relação ao afeto, a pergunta. O essencial de uma análise caminha, então, com um desapaixonamento?

Se na análise revive-se, como num cinema, os momentos cruciais de uma vida, este *revival* está a serviço de uma redução que extrai da grande epopéia de uma vida suas coordenadas essenciais. Passa-se, por exemplo, da guerra quotidiana com o chefe às agruras da infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a um traço repetido que as várias cenas desse jugo vão cristalizando. São nomes e cores no limite do sentido e que por isso mesmo nos libertam dos afetos associados ao drama de partida. A tristeza das manhãs de silêncio ao lado do pai recém-divorciado perde o lugar quando o que se retém da vida melancólica desses momentos não tem em si nenhum sentido dramático. Um modo de girar as chaves, um pigarro, a faca no pão vêm dissolver a névoa nostálgica em que se via emaranhado o sujeito.

O processo é, então, duplo. Por um lado, o excesso ganha a forma de afeto. Por outro, aquilo que do acontecimento resta não convertido em afeto, reluz. É a esta purificação que se refere Lacan. Ela acompanha o que se passa no plano da narrativa, onde o romance se torna *hai-cai*, quando “... um vaga-lume lanterneiro risca um psiú de luz”.<sup>21</sup>

### **Ética (e dizer)**

A este psiú de luz que acompanha os traçados de uma análise, Lacan chamou *entusiasmo*. No entanto, nem exatamente alegria, ou euforia, felicidade ou animação, não há como aprisionar o entusiasmo lacaniano em um registro afetivo específico, nem mesmo, como demonstrou recentemente J. A. Miller, naquilo que a cultura costuma chamar de entusiasmo.<sup>22</sup>

Não é emoção, nem paixão, pois (assim como a angústia, de que não poderemos tratar aqui) se situa no limite do campo afetivo. É apenas o tanto de libido que retorna quando nos liberamos do sentido; quando o traço muda de estatuto e passa de pista a marca - marco do surgimento de um “é isso” no lugar do “talvez não seja bem assim” de sempre.

Como se vincula a um não-sentido, não está no Outro da significação. Não há como reconhecê-lo pelas formas pré-definidas dos sentimentos da cultura. Por isso mesmo, não tem como durar, pois apenas aquilo que faz sentido para além de uma vivência singular, que faz parte da experiência compartilhada, se inscreve na duração. Um termo para traduzi-lo seria *elã*. Um *elã* não é nada que se possa conhecer ou controlar. Pode ser intenso ou extremamente discreto. No mais das vezes sem começo nem fim, nos visita sem dizer quando se vai. Sabemos apenas que, mesmo sem cerimônia, não tem como se prolongar e que pode, no máximo, voltar outras vezes.

O entusiasmo em uma análise não tem mais essência do que esse *esp de um laps*, como diz Lacan, ou do psiú de luz de Guimarães Rosa. Mas tem endereço, a transferência, o analista em último termo. Talvez por isso apresente-se mais do que o habitual, levando Lacan a propor que se estude o fato de que pouco se adoeça em análise, chegando a sugerir que os seguros-saúde cobrem dos analisantes uma tarifa reduzida. É um modo de materializar pelo absurdo este mais de vida que não tem lugar no campo do sentido.<sup>23</sup>

No entanto, ‘se não há entusiasmo houve análise, mas não analista’, escreve Lacan em uma célebre formulação de sua “Nota Italiana”. Foi o que engendrou em nosso meio o estereótipo do analista-entusiasmado, muito pertinentemente criticado por J.A. Miller.<sup>24</sup> É preciso ter em mente que o entusiasmo a que se refere Lacan nesta passagem é

justamente o de uma passagem, não poderia ser um estado duradouro do ser. E mais: “analista”, aqui, é uma função que, apesar de sustentada por alguém de carne e osso não se confunde com ele. É uma mudança, para o sujeito, nesta função, com seus efeitos sobre o corpo que Lacan assinala com o termo entusiasmo e não algum estado afetivo específico.

Quando deixamos de buscar o segredo, não porque perdemos a fé na busca, mas sim no próprio segredo; quando rastros tornam-se apenas balizas, descobre-se que elas sempre estiveram do nosso lado e não com o analista. A afirmação lacaniana pode ser lida, portanto, da seguinte maneira: o entusiasmo é o nome de um *elã* - feito de destituição e perda, mas também leveza - que acompanha cada passagem da função analista para o lado do analisante.

Nossa relação com a alteridade se modifica. As pistas imperavam, renovavam-se e multiplicavam-se, mas o Outro mantinha-se sempre o mesmo, sempre além. Tornadas letras, tudo muda. São, agora, modo singular de soletrar o que pode haver de encontro com os que cruzam nosso caminho. Por isso são relativamente fixas, mas seu Outro a cada encontro é outro.<sup>25</sup> O *elã* se desprende da relação com o analista e passa a habitar o uso destes marcos.<sup>26</sup>

Talvez seja isso o segredo do que Lacan chamou *estilo*, um saber-fazer com o que se pôde escrever de seu gozo. Basta lembrar que essa escrita não é fixa, pois só existe no átimo em que se inscreve em um dizer. Apesar de estabelecida pela travessia analítica, a cada dizer, é outra, pois é refratada pelo Outro a quem se dirige. Fazê-la, no entanto, caber na vida que se leva é a exigência que preside o dispositivo analítico.

Ao privilegiar a paixão em lugar da emoção, Lacan introduz uma nova ferramenta para o analista com relação aos afetos. Em vez da analogia ou da fisiologia, a ética. O termo é de manuseio tão delicado, especialmente para ouvidos como os nossos, treinados a tachar de obscurantismo tudo o que não se possa colocar em números, que precisarei de uma pequena introdução para justificá-lo.

Primeiramente é preciso definir que jamais tomaremos o termo no sentido habitual de código de conduta. Ética e moral não serão, aqui, sinônimos. Lacan abre seu seminário sobre a ética da psicanálise com esta distinção, que faz da moral o conjunto das prescrições de conduta admitidas em uma época ou espaço coletivo determinado e da ética uma reflexão sobre a ação, sem necessariamente definição prévia de valores.

A promoção da ética em detrimento da moral é sustentada pela própria experiência analítica que em muitos aspectos é, segundo Lacan, um “retorno ao sentido da ação”, retorno ao significado do que fez o Outro conosco e do que com isto fizemos, para reformulá-lo, renegá-lo, ou endossá-lo, para que seja possível, enfim, uma nova relação com nossas ações. Acrescente-se que isso não é trabalho realizado no céu das ideias sem relação com a vida prática. Uma vez que toda ação humana se situa em um contexto simbólico, não há o agir puro, tudo o que se faz ganha inevitavelmente significado, mais ainda no contexto de uma análise, em que só há ações narradas. Toda definição sobre o sentido de uma ação será ainda mais decisão, tomada de posição. Uma *reflexão* sobre nossa ação deve ser entendida, aqui, já como ação, que sempre tem consequências,

mesmo quando não consciente. A ação está embutida no próprio pensamento ético ou, como diz Lacan, há ação nos dois lados da definição de ética.

Espera-se de um psicanalista que ele seja um homem de bem, que seja honesto e que saiba o que é melhor para seu paciente. É necessário deslocar o foco dessa moral cotidiana para a reflexão ética por mais uma razão, de longe a mais importante: uma análise se desenrola lidando necessariamente com coisas amorais, ou, como diz Lacan “fora do campo da moral”.

A moral está necessariamente articulada ao consciente, o campo do eu, pois visa o que é melhor para o indivíduo dentro de uma comunidade, já uma análise lida “no primeiro plano” com “um campo muito grande do que para nós constitui o corpo de desejos sexuais” em seus aspectos menos confessáveis. É exatamente o que Aristóteles, paradigma para Lacan do conjunto de regras de conduta articuladas ao campo egóico, coloca “literalmente, fora do campo da moral,” “dentro da dimensão das anomalias *monstruosas*”.

Monstruoso? O termo precisa ser situado. Em tempos vitorianos, quando era a princípio monstruoso tudo que do campo da sexualidade excedia o espaço matrimonial e da reprodução, talvez fosse mais fácil perceber a posição extremada da psicanálise. Os tempos mudaram, mas sua radicalidade é a mesma, pois sempre há algo monstruoso no desejo de cada um. Pode ser insignificante ou terrível, mas em cada caso será aquilo que não se tem como “assumir” por ser incompatível com o ego e que, por isso foi parasitar, a partir do inconsciente, a cena da consciência.

Admitir que todos temos esqueletos no armário não é a verdadeira novidade. O revolucionário na prática freudiana é que a morada de nossos monstros seja necessariamente o campo da sexualidade. É o que indica Freud quando distingue, neste grande campo, de um lado a reprodução, apanágio do eu e do coletivo, a serviço da raça e, do outro, o gozo, morada daquilo que no indivíduo resiste a seu papel de transmissor do germen e exige um lugar para si no mundo. Somos, dessa forma, sempre um eu, pronto a interagir alegremente no mundo, e um *isso*, que carrega o que em nós mais vibra e que, por isso mesmo, leva à perdição do que em nós é comunidade. No sexo, bocas, pernas e mãos se confundem, não há relação, não há mãos dadas. O sexual, no sentido freudiano, espaço de diferença absoluta, sempre carrega consigo violência e morte. Vai contra as regras de vida do individual e força o eu no sentido de sua dissolução. É esse monstruoso da pulsão que devemos acrescentar ao que vimos nomeando como singularidade e que surge, em uma análise, sempre marcada pela violência de um desejo.

### **Bem-dizer**

Existe uma ética da psicanálise? Já que ela é uma erotologia, sua ética seria a do desejo? Ora, como tomar o desejo, ou a pulsão freudiana, como parâmetro de nossa ação se ele é fora do sentido? Como nomear o que não tem nome como guia a não ser mergulhando nas profundezas do místico? É o que torna claro o entusiasmo. Ele, em análise, não tem mais essência do que um psiu de luz. É bem verdade que tem endereço, a transferência, o analista em última instância. Talvez por isso apresente-se mais do que o habitual,

levando a tirada lacaniana segundo a qual se deveria estudar o fato de que pouco se adoeça em análise, Lacan chega a sugerir que os seguros-saúde cobrem dos analisantes uma tarifa reduzida. Prova maior de que não há como tomar este elã como matéria-prima de nossa ação, posto que efeito secundário incalculável, é que só pelo absurdo materializa-se este mais de vida que não tem lugar na vida que se leva.

Lacan, então, ao final de seu seminário sobre a ética da psicanálise, coloca o desejo, bem próximo, neste contexto, do que estamos chamando de elã, no centro da ética psicanalítica, mas apenas ao preço de um paradoxo. Ele só pode ser parâmetro de nossa ação como uma “medida infinita”. Dez anos depois, porém, em “Televisão” encontra uma maneira de afastar o paradoxo ao deixar o desejo em segundo plano e definir a psicanálise como uma ética do bem-dizer.

Não é *dizer o Bem*, instaurar o ideal no discurso, como se houvesse cura para o irremediável da linguagem com relação ao real. Nem é tampouco *dizer bem*, instaurar um discurso ideal, buscando o melhor possível a cada vez na obrigação de ser o melhor sempre. É *dizer*, pois é ele que conta, não há como elevar-se acima dele. Somos o que dizemos. E é *bem* porque é o dizer, dentro das coordenadas significantes de uma existência, que dá ao desejo seu lugar, pequenos monstros cheios de vida, que sempre insiste sem consistir.

Assim entendo a ética lacaniana do bem-dizer. Nada de dizer o Bem e nem mesmo de dizer bem. Nenhuma sabedoria se depreende deste traçado do Outro em nós, apenas inaugura-se ali a possibilidade de uma responsabilidade nova, pois, afinal, nossas vidas serão sempre habitadas por um excesso que não deixará jamais de surpreender, de provocar risos e escândalo e de exigir que a cada esquina estejamos à altura do que nos apaixonamos.

A ética do bem-dizer não apenas delimita pecados, mas ao menos uma virtude, definida por Lacan como *gai saber* [*gay savoir*], em referência a Nietzsche, certamente, mas também a Espinosa. O vigor dançarino de Dionísio e a alegria como paixão do que nos aumenta a potência de agir poderiam ser caminhos para nos aproximarmos do que Lacan parece indicar. Seguirei, porém, outra via com o contra-exemplo que fornece de Dante. Sabe-se que quando viu Beatriz, uma única vez, apaixonou-se pelo resto da vida. Bastou um divino detalhe, um olhar, um batimento de pálpebra para sua paixão durar nesse e noutros mundos (ela chega a aparecer no inferno para ajudá-lo, quando em sua Divina Comédia se vê perdido).

No extremo oposto da fixação de Dante no objeto de sua paixão, o *gai saber* é, segundo Lacan, deixar-se fisgar pelo sentido, sem nele se “envisgar”. Em lugar de erigir para nosso objetos “a” um sentido maior, com a força do divino pode-se retroceder aos limites do sentido, às raízes de pura contingência desses elementos significantes e construir com eles, tal como Bandeira e seu fogão, a *cena primária* de suas coordenadas de gozo.



Enquanto o entusiasmo resvala em uma ética do elevamento, sublimatório, da promoção de um fora do sentido etéreo, o gaio saber de Lacan nos afasta da divinização do vazio e nos põe os pés no chão por deixar evidente o *nonsense* do riso é impossível sem as palavras.

Não é uma técnica. É percorrer as arestas da vida, pronto para pegar alguma coisa em uma ação que Lacan caracteriza como *piquer*, que significa “roubar”, mas também “furar”, “espetar” e que se afina com o que J. A. Miller define como “senso da oportunidade”. Esse trabalho de construção pode ser vivido com o sentido do divino, do escândalo, da vergonha ou do horror. Com seu gaio saber, Lacan nos lembra que nisso pode-se também rir.

### **Riso**

Estamos sempre às voltas com o grandioso e o ridículo de nossas ações e pretensões. Afora essa comédia humana básica, as formações do inconsciente exploradas por Freud - dos erros que cometemos ao absurdos de que somos capazes, do *nonsense* com que flertamos aos chistes que nos dizem - demonstram como somos capazes de viver algo mais. Lacan distribui este algo mais da experiência analítica na manifestação de algo que em nós sonha, que ri e que fracassa [*ça rêve, ça rit, ça rate*].

Os sonhos balançam as certezas apoiadas no “pão-pão, queijo-queijo” da realidade cotidiana por apresentar um real que, mesmo ensandecido, às vezes vale mais. Os tropeços e seus fracassos nos guardam das curas e soluções onipotentes e conduzem ao estilo, que só desponta quando em nossas obras os vícios são coautores. Finalmente, o riso assinala como a paixão pode ser divertida. Com ele, quero concluir.

Não me refiro à gargalhada que a comédia pode provocar. Mesmo em sua versão pastelão, caricata e reduzida, da torta no rosto do chefe, ela deve sua força a um triunfo. É descarga que resolve um acúmulo de tensão, mas invariavelmente tomada em um contexto épico, de opressão e libertação. Já o riso de que fala Freud é o de um gozo liberado da epopeia, que economiza o drama e apenas se diverte.

Ele só é possível graças à liberdade com relação ao cristal da língua que caracteriza as formações do inconsciente. Elas não são constituídas pelas significações que nos comovem, mas pela argamassa invisível do discurso, os significantes. São tributárias do que Freud chamou processo primário, em nada primitivo, apenas mais afeito à matéria-prima da linguagem do que às abstrações cômicas que ela sustenta.

Uma análise aposta nas recomposições desta matéria-prima levadas às últimas consequências. Quando deixamos de buscar o segredo, não porque perdemos a fé na busca, mas sim no próprio segredo; quando rastros tornam-se apenas balizas, a relação com a alteridade se modifica. As pistas imperavam, renovavam-se e multiplicavam-se, mas todas conduziam ao mesmo culpado, um Outro sempre fora do alcance. Tornadas, agora, apenas letras, as coisas mudam de lugar. Elas são relativamente fixas, mas seu

Outro é sempre outro, pois tornam-se o modo singular de soletrar os encontros com os que cruzam nosso caminho.

O elã se desprende da relação com o analista e passa a habitar o exercício destas balizas, constituindo, na prática, nova paixão. Fazer caber esta satisfação na vida que se leva é a exigência ética que preside o dispositivo analítico. A surpresa é que, levada a sério, esta exigência descobre na raiz do sentimento a certeza de que a vida só se oferece espremida nas entrelinhas do viver. O riso é inevitável, irônica satisfação com o fora de esquadro da existência, sempre composta em grande colagem surrealista.

---

<sup>1</sup> Cf. Lacan, J. *O Seminário*, livro 20, Rio de Janeiro, JZE, p. 190, 132, 149; Freud, S. *Edição Standard Brasileira*, Rio de Janeiro, Imago, 1900-1969 (no que segue, *ESB*) vol. V, p. 620; e Vieira, M. A. *A ética da paixão*, Rio de Janeiro, JZE, 2001 (referida no que segue como *EP*), p. 50.

<sup>2</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIX, p. 36. Cf. tb. *EP*, p. 51.

<sup>3</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIV, pp. 203-206.

<sup>4</sup> Lacan, J. *O Seminário*, livro 15 inédito, lição de 19/2/68 e Cottet, S. “La belle inertie, Note sur La dépression em psychanalyse”, *Ornicar?* Vol. 32, p. 74.

<sup>5</sup> Os padrões de manifestação afetiva estão no Outro e não no real (cf. Miller, J. A., “Sobre os afetos na experiência analítica”, *As paixões do Ser*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 1998, p. 38). Sobre a “catarse” cf. Lacan, J. *O Seminário*, livro 7, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 297 e tb. Vieira, M. A. *Restos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “Catarse”).

<sup>6</sup> Para os afetos como conversão, como “acessos histéricos fixados na espécie”, Cf. Freud, S. *ESB*, vol. XX, p. 156 e Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 714 e *EP*, 106.

<sup>7</sup> Lacan, J. *O Seminário*, livro 7, p. 305.

<sup>8</sup> *Ibid.* p. 297 e Miller, J. A. *O osso de uma análise*, Salvador, EBP-BA, 1998, pp. 59 e seguintes.

<sup>9</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIV, p. 97.

<sup>10</sup> Esta definição incorpora o aspecto do movimento, enfatizado por Lacan quanto à emoção no *Seminário 10* e permite distingui-la da paixão. Enquanto uma é movimento com relação ao Outro tomado como totalidade a outra não (Cf. Lacan, J. *O Seminário*, livro 10, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 20). “Lacan empenha todos seus esforços em distingui-los [emoção e afeto] e desloca o afeto em direção à paixão, precisamente a paixão da alma. Esta é uma orientação totalmente decisiva” (Miller, J. A. *op. cit.*, p. 37). Cf. tb. *EP*, p. 160. Para a definição do temor e da piedade cf. Lacan, J. *O Seminário*, livro 7, p. 297.

<sup>11</sup> Lacan, J. L. *Op. cit.*, p. 297. “Identificação” é utilizado aqui no sentido de que se serve Freud para definir a identificação no teatro (cf. Freud, S. *ESB*, VII, p. 325).

<sup>12</sup> Ferry, Luc. *A Nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*, Rio de Janeiro, Difel, 2009.

<sup>13</sup> Lacan J. *O Seminário*, livro 1, Rio de Janeiro, JZE, 1986, p. 315.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 316.

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 316 e *EP*, p. 161 e 232.

<sup>16</sup> O amor, pelo sonho de fusão na entrega do que se tem e do que não se tem ao amado; o ódio, pela exigência de eliminar a todo preço o detalhe insuportável; e a ignorância pela insistência em tomar o rastro por pista e se enveredar na busca do saber a ponto de abandonar tudo o que se conhece (cf. Lacan, J. *Ibid.* p. 309 e *Escritos*, p. 627).

<sup>17</sup> Lacan J. *O Seminário*, livro 1, p. 314.

<sup>18</sup> As palavras têm, nos termos de Freud, o “poder mágico” de serem ao mesmo tempo matéria e anti-matéria, algo concreto, mas que pode sustentar um furo no conhecimento, como veremos no que segue (cf. Freud, S. *ESB*, vol. VII, p. 306).

<sup>19</sup> É um significante que responde à paixão da transferência, cuja forma mais matematizada é a notação “Sq” (Cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, p. 253). Para o “saber que não se sabe” cf. Lacan, J. *O Seminário*, livro 20, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 129.

<sup>20</sup> Cf. Lacan J. *Escritos*, p. 629 e *EP*, p. 111.

<sup>21</sup> “Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. Só silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psiu de luz” (Rosa, Guimarães, “Minha gente”, *Sagarana*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 211).

<sup>22</sup> Freud, S. *ESB*, vol. XIV, p. 287 e *EP*, p. 223. Assim entendo a recente crítica de J. A. Miller, ao entusiasmo. Ali, ele opõe o entusiasmo, como estado, ao essencial de uma análise, não necessariamente como o que defino aqui como “elã”, como oposto ao temor e à piedade (cf. Lacan, J. *O Seminário Livro 7*, p. 298 e Miller, J. A. “Coisas de Fineza”, *A orientação Lacaniana*, inédito, lição de 26/11/2008).

<sup>23</sup> Lacan, J. *O Seminário*, livro 10, p. 142.

<sup>24</sup> “Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2001, p. 313). Destaca-se a importância da crítica de J. A. Miller ao

---

estereótipo do “analista entusiasmado”. Se algum estado afetivo deve designar o exercício da psicanálise, que ela seja o desapego (cf. Miller, J. A. *Ibid*, Cf. ainda Laurent, E. “La passe entre enthousiasme et béatitude”, *Quarto*, n. 31, 1988, apud *EP*, p. 225).

<sup>25</sup> O passe é produzir uma leitura desse grão de escrita, apropriado pelo analisante, tendo como Outro a Escola de Lacan. Parafraseando Lacan, se este relato não transmite uma satisfação com relação ao inconsciente, pode ter havido final de análise, mas AE, sem chance. Sigo, aqui, J. A. Miller, que aproximar o passe mais da transmissão de um dizer que de um dito e o aproxima mais do par enunciação/satisfação que enunciado/demonstração (cf. Miller, J. A. “Est-ce passe?” *La Cause Freudienne*, vol. 75, Paris, ECF, 2010, p. 86).

<sup>26</sup> Nesta passagem Lacan centra tanto sua definição de final da análise quanto do procedimento do passe. Miller, mais recentemente, retoma esta viragem como o prosseguimento da análise só que agora sem o analista. Com esta formulação, ele destaca como a relação com o inconsciente se mantém, apenas não mais a partir da relação com a pessoa que até então havia sustentado para o analisante a função analista (cf. Miller, J. A. *Ibid*. lição de 19/11/2008).

## SUMÁRIO

- 7 Editorial  
ROMILDO DO RÉGO BARROS
- ARTIGOS**
- 15 O sufista da hiperletra e as periferias do significante  
ERIC LAURENT
- 21 Lo que resta, siempre  
MARINA RECALDI
- 25 *La dernière/La première*  
ANTONIO BENETI
- 33 Testemunho, semblante e transmissão  
HELOISA CALDAS
- 41 *Shoah* o filme – a palavra a imagem a voz  
CRISTINA DUBA
- 49 *Sonho e te(s)temunho: bordas de semblante*  
LUCIOLA FREITAS DE MACÊDO
- 59 Testemunhos: restos que se transmitem  
ISABEL C. DO R. BARROS  
MARICIA CISCATO
- 67 Corpo e testemunho na era dos transplantes generalizados  
RAM MANDIL
- 75 A letra e o eã  
MARCUS ANDRÉ VIEIRA
- 85 Eu não sou um poeta, mas um poema  
JOSEPH ATTÍE

Latusa'''

## CONSELHO EDITORIAL

Fernando Coutinho  
Maria do Rosário Collier do Régo Barros  
Manoel Motta  
Glória Maron  
Cristina Duba  
Maria Ângela Mársico Maia

## COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Manoel Motta  
Vera Avellar Ribeiro  
Paulo Vidal

## EQUIPE DE APOIO

Isabel do Régo Barros  
Rodrigo Lyra

O conteúdo dos artigos é  
de exclusiva responsabilidade  
dos autores

## EDITOR

Ana Lucia Lutterbach Holck

## SECRETÁRIA DE EDIÇÃO

Cristina Duba

## REVISÃO

Mariana Duba

## CAPA

Paula Delacave

## EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Contra Capa

## SITE

www.latusa.com.br

## INDEXAÇÃO

Lilacs/Bireme

**Latusa**

v. 1, n. 1 (nov 1997) – Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise  
Seção Rio, n.º 15, outubro de 2010.

## Anual

ISSN: 1415-6830

Psicanálise – Periódicos 2. Clínica

I.: Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

CDU: CDU: 150 (815.3)  
CDD: CDD: 150.195

Todos os direitos reservados a:

**Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro**

Rua Capistrano de Abreu, 14 – Borafoço

CEP 22271-000 – Rio de Janeiro – Brasil

Tel / Fax (55 21) 2539.0960

<ebprio@terra.com.br>